



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO DO ESPORTE ORIENTAÇÃO

*CORPORAL PRACTICES OF ADVENTURE IN PHYSICAL
EDUCATION CLASSES IN SCHOOL: REPORTING OF
EXPERIENCE OF TEACHING ORIENTEERING*

*PRACTICAS CORPORALES DE AVENTURA EN LA EDUCACION
FISICA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIENCIA DE ENSEANZA
DEL DEPORTE ORIENTADO*

Dayse Alisson Camara Cauper¹
Gisele Pereira dos Santos Fornazier²
Humberto Luís de Deus Inácio³

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar; Práticas Corporais de Aventura; Esporte Orientação

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um relato da experiência de ensino do Esporte Orientação (EO), uma das Práticas Corporais de Aventura (PCA) terrestre (DARIDO, 2014), desenvolvida na Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães, no município de Goiânia-GO. Trata-se do trabalho de conclusão do curso “Formação Continuada de Professores de Educação Física - do ensino das práticas corporais à análise das práticas pedagógicas”, ofertado pela REDE CEDES-GO no período de Out.16/ a Março/17.

2 METODOLOGIA

O curso oportunizou a compreensão das PCA como elemento da cultura corporal a ser desenvolvido nas aulas de educação física escolar (BRASIL, 2016),

¹Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PGEEB/CEPAE/UFG), daysecamaracauper@gmail.com

² Escola Municipal Professor Trajano de Sá Guimarães (RME-GYN), gisagym@bol.com.br

³ Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD/UFG), betoinacio@gmail.com

contemplando tanto o debate teórico quanto a experimentação de algumas dessas práticas. No segundo módulo foi proposta a elaboração de um plano de intervenção, com apoio dos professores formadores, seu desenvolvimento na escola e a apresentação dessa experiência no seminário. A proposta de ensino do EO foi desenvolvida em sete aulas de 60 minutos, com a turma G2, composta por estudantes de 11 a 13 anos, cujo objetivo era compreender os conhecimentos do EO, em suas dimensões: histórica, conceitual, social, cultural e técnica.

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES

A aula introdutória foi expositiva, com vídeo sobre as PCA, EO e imagens dos materiais utilizados nessa prática corporal. A interação com os alunos favoreceu a identificação dos conhecimentos prévios sobre essa temática. Na segunda aula foi realizado um passeio pela escola a fim de identificarmos os espaços e construirmos o mapa, instrumento fundamental para a vivência dessa prática corporal. A partir dessa construção, foram traçados cinco percursos diferentes com 10 postos de controle para que as equipes, compostas por cinco alunos, pudessem percorrer. Em cada posto de controle havia códigos numéricos que deveriam ser anotados. Na terceira aula foi desenvolvida a primeira vivência da modalidade. As equipes foram divididas por cores para uma melhor distinção. Todos os grupos ao finalizarem seus percursos, trocavam de mapa e reiniciavam. O nível de dificuldade foi aumentado na quarta aula quando, durante a experimentação, o tempo de cada grupo foi cronometrado. Na quinta aula a proposta era que os próprios estudantes montassem percursos e criassem os códigos numéricos dos postos de controle. Na sexta aula, os grupos trocaram os mapas entre si e realizaram os percursos com o tempo cronometrado. Cada grupo largava para realizar o percurso com uma diferença de dois minutos em relação à equipe anterior. Na sétima aula foi proposto que os estudantes relatassem de forma oral como havia sido a experiência de aprender o EO. Os depoimentos foram gravados em vídeos, utilizando um celular. O processo de avaliação foi realizado no decorrer de todo o processo de ensino, através de diálogos e observação da participação dos estudantes. Também foi aplicado um questionário diagnóstico sobre as PCA e EO que foi reaplicado na última intervenção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de formação apontou para a possibilidade de superação das práticas descontextualizadas e esvaziadas de sentido que vinham sendo automaticamente reproduzidas nas aulas de educação física. O envolvimento dos estudantes foi extremamente relevante, tendo em vista que o interesse e a participação de todos possibilitaram o avanço desse processo. O espaço/tempo da escola, assim como os materiais didáticos disponíveis, foram devidamente adaptados para a realização dessa proposta (INÁCIO, 2016) e, é possível afirmar que houve um processo de apropriação que favoreceu o desenvolvimento dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** 2ª versão/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: 2016.

DARIDO, Suraya C.; GONZALES, Fernando J.; OLIVEIRA, Amauri A. B. (Orgs). **Práticas corporais e a organização do conhecimento**; 4 Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura. Maringá: Universidade Estadual de Maringá., 2014.

INÁCIO et. al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Motrivivência**. Set/2016.